

ROSELI BIAGE DO CARMO

**MALANDRO: O VELHO E O NOVO NA LINGUAGEM
MUSICAL BRASILEIRA**

CELACC/ECA-USP

2010

ROSELI BIAGE DO CARMO

**MALANDRO: O VELHO E O NOVO NA LINGUAGEM
MUSICAL BRASILEIRA**

Trabalho de conclusão do curso de Gestão de
Projetos Culturais e Organização de Eventos
produzido sob orientação do professor Juarez
Tadeu de Paula Xavier.

CELACC/ECA-USP
2010

Agradecimentos à Jacira Berlinck, do Teatro FECAP, a Bruno Marcondes Franques, Rita Okamura, Dan La Laina Sene e a Fernando Faro, da TV Cultura, pelas indicações e informações. Aos professores Fabiana Felix do Amaral e Juarez Tadeu de Paula Xavier pelas orientações enriquecedoras.

SUMÁRIO

Introdução.....	06
I- O malandro, o tempo e a sociedade.....	08
II- O malandro e suas diversas acepções.....	12
III- O idioma da malandragem.....	13
IV- A renovação do malandro e os novos palcos da malandragem.....	15
Considerações Finais.....	16
Bibliografia.....	18

Malandro: o velho e o novo na linguagem musical brasileira

Roseli Biage do Carmo¹

Resumo

Artigo sobre os pressupostos cem anos do surgimento do léxico malandro e os diversos contextos sociais e cronológicos que o tornam atemporal e ainda hoje dinâmico na linguagem coloquial. As narrativas possíveis a partir dos estudos de Clifford Geertz associam os diversos retratos do malandro sob o viés das melodias, compositores e intérpretes que se valeram do vocábulo em suas obras.

Palavras-chave: malandro, cultura popular, música, linguagem, narrativas.

Abstract

On the assumptions article is about one hundred years of the emergence of the “malandro” lexicon and the diverse social and timing contexts that make it timeless and still dynamic in colloquial speech. The possible narratives from the studies of Clifford Geertz associate to “malandro” several pictures in the bias of the lyrics, composers and performers who have drawn the word in their works.

Key-words: “malandro”, popular culture, music, language, narratives.

¹ Graduada em Letras pela Universidade São Judas (USJT/SP), em 1994-1995. Aluna visitante da Université de Aix-Marseille (1998). Atua no campo do audiovisual há dezessete anos e na área de políticas públicas para a cultura, realizando cursos, palestras e oficinas para a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. É professora do Centro Paula Souza e produtora. Orientanda do professor doutor Juarez Tadeu de Paula Xavier no Curso de Gestão de Cultura e Organização de Eventos do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Comunicação e Cultura da ECA/USP, em 2010.

Resúmen

Artículo sobre la hipótesis de cien años de la aparición del léxico “malandro” y los diversos contextos sociales que lo hacen intemporal y sigue siendo dinámico en el habla coloquial. Las posibles narraciones sobre los estudios de Clifford Geertz las asocian en los diferentes cuadros del “malandro” bajo el sesgo de las melodías, compositores e intérpretes que se aprovecharon de la palabra en su carrera artística.

Palabras clave: el “malandro”, la cultura popular, la música, el lenguaje, las narrativas.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre as inquietações e origens do vocábulo malandro, bem como sua transmutação² no quadro evolutivo da musicografia brasileira. Embora de forma obscura o léxico³ malandro tenha surgido no vocabulário cotidiano, supostamente no início do século passado, popularizou-se no Brasil nas composições ou vozes de artistas importantes e renova-se nos contextos e épocas distintas em que é apresentado.

Não é de hoje que a linguagem estabelece parâmetros e acompanha as mudanças do contexto social do país, porém os neologismos nascem, morrem ou perpetuam-se, à medida que convivem com alterações também no seu emprego e época. É o caso de malandro⁴, cuja imagem daquele cidadão trajado e alinhado, em calças largas, chapéu panamá, gomalina no

² Para a alquimia é um processo de conversão de um elemento químico em outro, geralmente de um vil para outro mais nobre. Cf. Dicionário Michaelis, p. on-line.

³ Conjunto das palavras de que dispõe um idioma; 2 Dicionário abreviado; 3 Dicionário de formas raras e difíceis, peculiares a certos autores; glossário; 4 Dicionário de línguas clássicas antigas; 5 O mesmo que dicionário e vocabulário. adj V análise léxica. Cf. idem.

⁴ Indivíduo astuto e matreiro. [...] Segundo Câmara Cascudo a origem da figura do malandro estaria relacionada aos filhos de escravos urbanos alforriados, rejeitando o trabalho formal com horários rígidos e obrigações definidas Cf. Nei LOPES. Enciclopédia da Diáspora Africana, p. 410.

cabelo e portando canivete, progride no universo urbano das metrópoles. Essa linguagem é transmitida em idílicas melodias sob o auxílio de instrumentos rítmicos próprios dos batuques populares.

Não se pode desconsiderar a criação de um vocábulo, quanto tempo ele vai perdurar e como irá interagir e alterar padrões de comportamento sociais e, até mesmo, culturais em uma sociedade. O léxico malandro é um desses que mudaram princípios e alternou o viés de caráter, em uma sociedade moralista e cristã, cujos estereótipos ainda se associavam à figura às avessas daquele nobre rapaz, apologia aos Contos de Fadas. Do outro lado do Atlântico, o príncipe não mais europeizado sobe o morro da Mangueira⁵, desafia os demais sambistas com a Pernada⁶, é destemido, enfrenta a todos em piruetas ao mote da capoeira e, ao mesmo tempo, tem na esperteza e na sedução atributos norteadores de seu prestígio, disseminado junto ao público feminino e aos bares e redutos onde é costumeiro frequentador.

No universo condensador deste personagem romanesco e afeito à malandragem, as narrativas apelativas reconhecem as mudanças do tempo e os avanços da tecnologia. Da descrição temporal o léxico malandro evolui e aparece como trabalhador formal ou informal; e, na maioria das vezes, retoma o mito da sociedade estamental ao estratificar as classes em melodias de contestação, denuncia ou narrativas e factuais.

A figura romanceada atinge as páginas policiais dos jornais e, paradoxalmente, também determina o topo de vendas dos discos no ritmo do samba, entre as décadas de trinta e quarenta por meio do famoso disco em setenta e oito rotações por minuto, não mais como personagem, mas como pretexto lírico das composições.⁷

Para o antropólogo Clifford Geertz (1973, p. vii), na obra *Interpretação das Culturas*, não lhe agrada “distanciar-se das imediações da vida social”, poder-se-ia imaginar que toda a trajetória musical em que se insere a figura do malandro permite traçar um pouco do cotidiano, se não na visão generalista, na visão lírica do intérprete, representante do tempo e

⁵ O Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira foi fundada em 28 de abril de 1928, no Morro da Mangueira, próximo a região do Maracanã, na Cidade do Rio de Janeiro, por Carlos Cachaca, Cartola, Zé Espinguela, entre outros. Cf. Juliana SINDRA MAZZONI, p. on-line.

⁶ Pernada era uma espécie de manifestação rítmica utilizada pelos sambistas do início do século e bastante difundida após surgimento das escolas de samba. Alguns movimentos e ritmos são similares à Capoeira. Em São Paulo denominou-se Tiririca. Cf. Elifas ANDREADO, em *Histórias do Samba*, p. s/d.

⁷ Cf. Marcos NAPOLITANO e Maria Clara WASSERMAN. p. on-line

da realidade que ele fielmente ou utopicamente pretendeu notabilizar. Essas narrativas diversificadas do malandro nos diversos universos da música aglutinam matizes de perfis e momentos, em algumas situações, que execraram ou elevaram o prestígio do país.

Se não é fato, a linguagem musical e, em muitos casos, sambistas como Noel Rosa⁸ e Bezerra da Silva⁹, além das composições de Francisco Buarque de Hollanda¹⁰, cada qual em seu estilo e tempo, surpreendem ao estereotipar as características físicas e psicológicas de um cidadão e de seu código linguístico, cujo nome e sobrenome figuravam tanto em guetos da boemia carioca como nos estratos policiais, desde a década de 20.

Em quase um século, o léxico renovou-se tanto nos distintos momentos quanto em suas acepções. Talvez sua evolução na linguagem musical não seja o determinante para as diversas interpretações e os contextos ora romanceados ora marginais em que o malandro se destaca, mas a longevidade dos neologismos e suas incorporações ao idioma vão além de modismos, influências e contextos, criam vínculos e definições que preenchem os espaços simbólicos da paisagem urbana, com uma identidade reificada por uma sociedade em constante mutação.

Traçar o perfil e a longevidade do malandro nos contextos musicais brasileiros é também permear suas atividades, seu estilo de vida, traduzidos em boemia, serviços informais, pequenos furtos, muitos amores e certo prestígio no prosscênio instaurado como malandragem.

I- O MALANDRO, O TEMPO E A SOCIEDADE

Para Antonio Cândido¹¹, “o princípio moral [...] parece ser, exatamente como os fatos narrados, uma espécie de balanceio entre o bem e o mal”, ou seja, a ótica social oscila e contrasta

⁸ Noel de Medeiros Rosa nascido em 11 de dezembro de 1910 e falecido em 04 de maio de 1937, foi um dos maiores violonistas e compositores brasileiros. Conhecido como “Poeta da Vila”, notabilizou-se por enaltecer Vila Isabel, bairro da Cidade do Rio de Janeiro, onde nascera.. Cf. Dicionário Cravo Albim de Música Popular Brasileira.

⁹ José Bezerra da Silva nasceu na cidade de Recife (PE), em 23 de fevereiro de 1927 e faleceu em 17 de janeiro de 2005 na cidade do Rio de Janeiro. Foi cantor, compositor e instrumentista. Cf. Idem.

¹⁰ Francisco Buarque de Hollanda é o quarto, entre sete filhos do historiador Sérgio Buarque de Hollanda. Nascido no Rio de Janeiro em 19 de junho de 1944, Chico se tornaria, anos mais tarde, um artista completo. Foi pela música, porém, que Chico demonstrou interesse e através dela se tornou conhecido e respeitado. Cf. site Gota D’Água, p. on-line.

¹¹ Dialética da Malandragem, p. 21.

entre uma iminente ordem pautada pelos velhos modelos aristocráticos frente a uma jovem sociedade burguesa que se vale desse pleito para – como complementa o autor - “disciplinar o caos”. Seria o mesmo que projetar o malandro à Ribalta, como Noel Rosa compôs no trecho da letra de Malandro Medroso¹².

Tu podes guardar o que digo contando/
com a gratidão/E com o braço habilidoso
de um malandro que é medroso/
Mas que tem bom coração

E, em outro momento, a propósito da composição Homenagem ao Malandro¹³ de Francisco Buarque de Hollanda, levá-lo ao ostracismo, condicionando-o a um reles trabalhador.

Mas o malandro pra valer
- Não espalha
Aposentou a navalha
Tem mulher e filho e tralha e tal

E completa:

Dizem as más línguas
Mora lá longe
E chacoalha no trem da Central.

Mas não apenas a personificação do malandro se distingue, os momentos são pontuais para tornar a figura antagônica e até mesmo encrudelecida por artimanhas, preconceitos e, talvez, por embates de cunho sentimental, a propósito dos quase dois anos em que Wilson Batista¹⁴, negro, pobre e habitante do morro desafia por meio da criação de composições o já famoso Noel Rosa. Este oriundo de família de classe média, branco e habitante do asfalto¹⁵.

¹² Malandro Medroso. Noel Rosa. 78 RPM. Parlophon, 13245, novembro de 1930 (reeditado como LP em 1978 pela Odeon).

¹³ Homenagem ao Malandro. Chico Buarque. Ópera do Malandro. VI. 1. Faixa 5, Lado B. Polygram. 1979.

¹⁴ Wilson Batista é compositor, músico e sambista nascido em Campos (RJ) em 03 de julho de 1913 e falecido em 07 de julho de 1968, na cidade do Rio de Janeiro. Cf. site CliqueMusic

¹⁵ Como era designada a elite pelos residentes dos morros cariocas. Cf. André DANTAS, p. s.d.

Obviamente Noel era considerado na visão de Wilson na clara representação da malandragem consentida, cooptada, comportada segundo os moldes da ordem, do Estado.(Dantas,s.d.:p. 2).

O primeiro embate entre os dois oponentes compositores se deu com o lançamento por Wilson Batista de Lenço no Pescoço¹⁶, idealizando o perfil do malandro carioca.

Meu chapéu de lado/Tamanco arrastado/
Lenço no pescoço
Navalha no bolso/Eu passo gingando/Provoco e desafio
Eu tenho orgulho/Em ser tão vadio

No mesmo ano de 1933, Noel, em resposta à crítica lança Rapaz Folgado¹⁷.

Deixa de arrastar o seu tamanco/
Pois tamanco nunca foi sandália
E tira do pescoço esse lenço branco/
Compra sapato e gravata
Joga fora essa navalha/Que te atrapalha
Com o chapéu do lado desta rata/
Da polícia quer que escapes
Fazendo samba-canção/Eu já te dei papel e lápis
Arranja um amor e um violão
Malandro é palavra derrotista/Que só serve pra tirar
Todo o valor do sambista/Proponho ao povo civilizado
Não te chamar de malandro/E sim de rapaz folgado

Ao contrário de Batista, que encarna o espírito até então familiar do mito, é no jogo travado por Noel que aparece o estigma socialmente negativo atribuído a malandragem quando equiparada ao sambista. A figura marginalizada também aparece numa clara antítese à vida do próprio compositor, que em decorrência da vida boêmia contraiu tuberculose e faleceu aos vinte e sete anos. E retoma a idéia pontuada por Candido¹⁸ sobre o bem e o mal

¹⁶ Lenço no Pescoço. Silvio Caldas. 78 rpm (rotações por minuto).RCA Vitor. 1933.

¹⁷ Rapaz Folgado. Aracy de Almeida. Canções de Noel Rosa. Faixa s/d. Continental. 1955.

¹⁸ Antonio CÂNDIDO. Dialética da Malandragem, p. 21.

em uma sociedade jovem, que sorve do velho modelo, cujos interesses de toda ordem edificam ou corrompem o mito, em uma dicotomia no universo criativo de Noel.¹⁹

O tempo aparece não apenas como um ciclo natural na evolução do malandro, mas no recorte conotativo e na alteração rítmica das melodias²⁰. Nas letras de Ópera do Malandro²¹, o poder do dinheiro e da corrupção é retratado por meio de letras para driblar a repressão e a censura, como no trecho da personagem Terezinha:

Meu amor tem um jeito de me beijar o sexo/
E o mundo sai rodando/
E tudo vai ficando solto e desconexo.

Cuja versão original e atualmente conhecida foi adaptada para:

O meu amor tem um jeito de me beijar o ventre
e me deixar em brasa/
Desfruta do meu corpo como se ele fosse a sua casa.

Na teoria, as armas da resistência não se curvam à articulação conceitual, visto que se municia de figuras metafóricas e metonímicas, no caso de compositores como Hollanda, na década de 60, para escapar a modos de avaliação sistemáticos (GEERTZ, 1973: p. 17), ou seja, driblar as normas de um regime ditatorial e dar vazão, predominantemente, ao exercício artístico ideológico.

Ou você aprende uma interpretação ou não, vê o ponto fundamental dela ou não, aceita-a ou não. Aprisionada na imediação de seu próprio detalhe, ela é apresentada como autovalidante ou, o que é pior, como validada pelas sensibilidades supostamente desenvolvidas da pessoa que a

¹⁹ As rivalidades entre os compositores Wilson Batista e Noel Rosa foram relatadas por Fernando Faro, diretor do programa Ensaio da TV Cultura a autora do artigo e demais espectadores em Auditório da emissora na década de 1990.

²⁰ Noel Rosa foi responsável por inovar as melodias com letras curtas e próximas do cotidiano, diferentemente de sambistas como Sinhô que utilizavam versos decassílabos.

²¹ Baseado na Ópera dos Mendigos (1728), de John Gay, e na Ópera dos Três Vinténs, de Bertolt Brecht e Kurt Weill. O musical estreou no Rio de Janeiro, em julho de 1978 e foi recriado em São Paulo, em outubro de 1979, ambos sob a direção de Luiz Antônio Martinez Corrêa. Cf. Wikipédia.

apresenta; qualquer tentativa de ver o que ela é em termos diferentes do seu próprio é vista como um travesti [...] (Geertz,1973: p. 17)

Considerando esse processo, eram comuns algumas letras menos reveladoras serem censuradas enquanto outras, ainda que o fossem mais tarde, em um primeiro momento passavam despercebidas até o código ser externamente interpretado e, em consequência disso, cifrado aos censores por meio do rápido prestígio que alcançavam.

II- O MALANDRO E SUAS DIVERSAS ACEPÇÕES

As corruptelas de malandro aparecem recorrentemente, do mesmo modo que João Guimarães Rosa²² considerou setenta e duas acepções para diabo na obra Grande sertão: veredas²³ em artigo publicado na década de setenta.

Também no trecho da letra de Filosofia²⁴, aparece não mais o vocábulo malandro, mas expressões senão sinônimas, próximas do estereótipo criado por Noel.

Não me incomodo que você me diga/
Que a sociedade é minha inimiga/
Pois cantando neste mundo
Vivo escravo do meu samba/muito embora vagabundo

Já visto na obra de Noel em seus embates com Wilson Batista, quando não só substitui malandro por folgado, como julga o vocábulo indigno da comparação com o sambista, ainda que no discorrer de sua obra, a propósito de Filosofia, defenda a posição do malandro e, não da sociedade. E continua em Que se dane²⁵ a criar antíteses, ao aproximar não a malandragem do samba, mas a vadiagem...

²² João Guimarães Rosa é escritor brasileiro nascido em Cordisburgo, em 27 de agosto de 1908 e falecido aos 59 anos.

²³ Grande sertão: veredas, de autoria de João Guimarães ROSA, publicado em 1956, é considerado um dos mais importantes romances regionalistas brasileiros da primeira fase do modernismo. Cf. Guia do Estudante.

²⁴ Filosofia. Mart'nália. Pé do Meu Samba. Faixa 1, Natasha Records. 2002.

²⁵ Que se Dane. Orlando Silva. Revivendo. Faixa 1. RVCD 139. 1999.

Fui processado por andar na vadiagem
Que se dane! Que se dane!
Mas me soltaram pelo meio da viagem
Que se dane! Que se dane!
Não amola! Não amola!
Não deixo o samba porque o samba me consola
Não amola! Não amola!
Não deixo o samba porque o samba me consola

III- O IDIOMA DA MALANDRAGEM

Na voz de Bezerra da Silva a melodia *A Gíria é a Cultura do Povo*²⁶ contempla neologismos próprios dos idos de 1990, de interpretação familiar, ainda que alguns vocábulos sejam restritos a determinados grupos e, provavelmente, no futuro, excetuando-se os dados específicos, aproximem mais pelo ritmo e contorno estereotipados da malandragem do que propriamente pela legibilidade da letra ou do Partido Alto²⁷, que eternizou Silva.

[...] Sangue bom tem conceito, malandro e o cara aí/
Vê me erra boiola, boca de siri/
Pagou mico, fala sério, tô te filmando/
É ruim hem! (*sic!*)
O bicho tá pegando...

Notadamente no trecho acima aparece não apenas a melodia, mas diversos neologismos criados pela grande massa popular, que não difere de outros criados em períodos anteriores se analisado o depoimento de um réu, na Cidade do Rio de Janeiro, em meados do século passado.

[...] Procurei engrupir o pagante, mas recebi um cataplum. Aí, dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça. Ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas. Papai, rápido, virou pulga e fez Dunquerque. (Jornal Correio da Manhã, 5 de novembro de 1959)

²⁶ *A Gíria é a Cultura do Povo*. Bezerra da Silva. *A Gíria é Cultura do Povo*. Faixa 1. Atração. 2002.

²⁷ Partido Alto é um gênero de cantoria que, às vezes, assume a forma de desafio. Cf. Nei Lopes.

Em português coloquial:

[...] Procurei enganar o malandro, mas, inesperadamente, fui agredido. Aí, dei-lhe um chute na altura do joelho. Ele procurou a arma, sacou-a e deu dois tiros. Eu, rápido, pulei e fugi. (PRETI, 1984: p.--)

Ainda que situadas em momentos distintos, percebe-se entre as linguagens certa atemporalidade contextual, por estabelecerem não apenas o coloquial, mas um idioma próprio, singular, amplamente compreendido junto a seus pares.

O personagem estereotipado, a cultura, a sociedade e a economia nacionalmente pontuadas pela figura ora romanceada ora renegada nas altas rodas e nos considerados guetos periféricos do país, aparecem em letras que reverberaram em ecos na política nacional, em período delicado de regime político pelo qual passava o país, a propósito de O Malandro Nº. 2²⁸.

O malandro/Tá na greta
Na sargeta/Do país
E quem passa/Acha graça
Na desgraça/Do infeliz

E ainda na parceria de Bezerra da Silva com o grupo musical Barão Vermelho²⁹, dos anos oitenta, Malandragem dá um tempo³⁰ evidencia a delicada relação com a Lei.

É que o 281 foi afastado
O 16 e o 12 no lugar ficou
E uma muvuca de espertos demais
Deu mole e o bicho pegou
Quando os home (sic!) da lei grampeiam
O coro come a toda hora
É por isso que eu vou apertar, mas não vou acender agora.

²⁸ O Malandro Nº 2. Chico Buarque. Ópera do Malandro. Vol. 2. Faixa 3, Lado B. Polygram. 1979.

²⁹ Grupo musical Barão Vermelho surgido na década de 1980, no Rio de Janeiro.

³⁰ Malandragem dá um Tempo. Grupo Barão Vermelho. CD MTV AO VIVO – Vol. 2. 2005.

O idioma é muito mais que a fala e a escrita, é também a caricatura do malandro. O curioso é que seu vestuário, gesto e até mesmo sua expressão indicam belicosidade ou não, em estratos e momentos contextualizados nas canções que aparece.

IV- A RENOVAÇÃO DO MALANDRO E OS NOVOS PALCOS DA MALANDRAGEM

Além das palavras, o vocábulo malandro influenciou a cultura popular brasileira, seja na incorporação de gestos, na criação de novos vocábulos, como também nas distintas cadências do samba, nos espaços e na cronologia em que ele se estabeleceu.

O malandro interferiu e influenciou até mesmo seus intérpretes. Segundo autos, Wilson Batista pedia aos amigos que lhe enterrassem de smoking para que chegasse ao outro lado em traje de gala. Já Bezerra da Silva, para não privar os amigos do final de semana, dizia que desejava falecer em um dia de expediente. Morreu em uma terça-feira. São diversas as anedotas que acompanham os artistas e intérpretes, que deram voz ao malandro.

A cultura do malandro reflete nas novas gerações de músicos. Amparados pela tecnologia rememoram letras e obras importantes, como o músico e rapper Marcelo D2³¹, que lançou disco com doze faixas anteriormente interpretadas por Bezerra da Silva.

Se o léxico malandro vai reagir a mais um século de composições, ainda é cedo para prever. Sabe-se, porém, que ele perdura a aproximados um século no corpo, nas mentes, nas bocas e nas músicas dos brasileiros. Dentro desse universo, retoma velhos paradigmas ao estabelecer comparações romanceadas do malandro com outros neologismos surgidos a partir do progresso tecnológico do final da década de noventa sob o título “Malandro é Malandro, Mané é Mané”, na interpretação de Bezerra da Silva.

Malandro é o cara/Que sabe das coisas
Malandro é aquele/Que sabe o que quer
Malandro é o cara/Que tá com dinheiro
E não se compara/Com um Zé Mané

³¹Marcelo D2 é nome artístico de Marcelo Maldonado Gomes Peixoto (Rio de Janeiro, 5 de Novembro de 1967) é um rapper brasileiro ex-vocalista da banda Planet Hemp, que hoje segue em carreira solo. Cf. Wikipédia.

Malandro de fato/É um cara maneiro
Que não se amarra/Em uma só mulher...
E malandro é malandro/ Mané é mané
Diz prá mim!/Podes crer que é

E para edificar a figura malandro, considera-se não mais o primeiro, mas o vocábulo novo “ mané” um excludente social através de uma etnografia própria.

Já o Mané ele tem sua meta
Não pode ver nada/Que ele cagueta
Mané é um homem/Que moral não tem
Vai pro samba, paquera/E não ganha ninguém
Está sempre duro/É um cara azarado
E também puxa o saco/Prá sobreviver
Mané é um homem/Desconsiderado
E da vida ele tem/Muito que aprender...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de este artigo creditar um estudo criterioso das músicas criadas por Noel Rosa ou mesmo interpretações de Bezerra da Silva e de Francisco Buarque de Hollanda, apenas reunir indícios da longevidade do léxico malandro, tão bem representado na discografia nacional e no cotidiano dos brasileiros por quase um século.

Nas melodias há inesgotáveis pontos de investigação sobre o perfil do malandro, sua penetração na sociedade em um processo altamente dinâmico. Tanto é assim, que de diversos outros neologismos reconhecidos e familiares, talvez poucos, e ai se incluiria o léxico malandro, são tão inovadores e atemporais. Não há, senão nas diversas linguagens, pontos que o identifiquem como de um ou outro período.

A questão talvez mais premente seja creditar ao processo de formação urbana das cidades a figura do malandro. Embora as cidades apresentem sofisticada tecnologia e serviços, pecam pelo frágil retrato e mutações associadas ao malandro, cujos valores depreciativos, em muitos casos, criam um retrocesso ainda hoje tão bem decifrado pela música.

Até mesmo outras linguagens, como das artes plásticas, tiveram influências diretas da música e do ambiente urbano como temática de suas obras, foi o caso de Hélio Oiticica e seus “Parangolés”, cujo mote para construção de uma arte altamente sofisticada e simples teve na figura dos passistas dos morros cariocas fontes de estudo para o artista. A obra foi desenvolvida não só para ser apreciada, mas vestida; creditando-lhe grande inspiração as características atribuídas ao malandro.

É bem provável que outras questões, estudos e associações sejam propostos para discutir a presença de neologismos próximos do cotidiano e da vida de brasileiros, como o vocábulo malandro. Quaisquer questionamentos sobre o protagonismo e o antagonismo desse vocábulo, entretanto, serão sinônimos em virtude dos contextos e retratos tão diversos de um país, cuja hegemonia linguística dá-se mais pela vontade de construir uma cultura identitária do que impor-lhe uma libertária.

Talvez nesse vácuo cultural poder-se-á, num futuro próximo, considerar a diáspora linguística do continente africano e a emancipação da Língua Portuguesa para a construção de novas pesquisas e estudos em torno dos neologismos e sua absorção formal no Brasil; mesmo que o tempo e o espaço sejam, a princípio, os reais complicadores interpretativos.

O malandro, portanto, tem ressurgido em diversas épocas, indicando por meio das composições situações sociais, político-econômicas que nortearam (e ainda norteiam) o universo urbano, possibilitando novas discussões sobre as suas mutações e suas interpretações em um ambiente linguístico altamente desafiador, a propósito do repertório musical brasileiro.

Bibliografia

Obras

ALBIN, Ricardo Cravo. **Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira**. Rio de Janeiro, Paracatu, 2002.

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da música brasileira**. Belo Horizonte, Vila Rica, 1991.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. México, Grijalbo, 1989

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. São Paulo, Rocco, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 2008.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte, Humanitas, 2009.

ILARI, Rodolfo. BASSO, Renato. **Português da Gente**. Nacional, Contexto, 2006.

LEITHOLD T. von e RANGO L. von. **O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819**. Trad. e anotações de Joaquim de Sousa Leão Filho, São Paulo, Nacional, 1966, p. 166.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo, Selo Negro, 2004.

LOPES, Nei. **Partido-alto: samba de bambas**. Rio de Janeiro, Pallas, 2005.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Brasil**. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura/Biblioteca Carioca, 1995.

PRETI, Dino. **Estudos de Língua Oral e Escrita**. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

SCHLICHTHORST, C. **O Rio de Janeiro como é. 1824-1826 (Uma vez e nunca mais) etc**. Trad. de Emy Dodt e Gustavo Barroso, Rio de Janeiro, Getúlio Costa, s.d., pp. 77-80.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, Cortez, 2002.

SODRE, Muniz. **Samba, o dono de corpo**. Rio de Janeiro, Mauad, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. São Paulo, Editora 34, 1998.

Teses

DANTAS, André. **Que é Malandro...** Rio de Janeiro, Universidade do Rio de Janeiro. 2003

HALL, Stuart. **A relevância de Gramsci para o estudo da raça e etnicidade. In Da diáspora: identidade e mediações culturais.** Liv Sovik (org): trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG: Brasília, Representação da UNESCO no Brasil. 2003 p. 294-333. Marcelo Silva de Aragão

MOURA, Milton Araújo. **Carnaval E Baianidade - Arestas e Curvas na Coreografia de Identidades do Carnaval de Salvador.** Salvador, Universidade Federal da Bahia. 2001.

NAPOLITANO, Marcos; WASSERMAN, Maria Clara. **Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historio-gráfico sobre a música popular brasileira.** São Paulo, Universidade de São Paulo, 1999.

Artigos e Ensaios

BARBOSA, Simone Koff. **CODIFICAÇÃO E DECODIFICAÇÃO : Uma análise do discurso publicitário sob a ótica de Stuart Hall.** Porto Alegre, PUC-RS

CANDIDO, Antonio. **Dialética da Malandragem (caracterização das Memórias de um sargento de milícias)** in: Revista do Instituto de estudos brasileiros, nº 8, São Paulo, USP, 1970, pp. 67-89.

MARCONDES FILHO, **Ciro. Stuart Hall, cultural studies e a nostalgia da dominação hegemônica.** São Paulo, USP.

SANTOS, Sonia Regina. **Das Identidades como Formações Históricas: Uma Resenha da Obra de Stuart Hall.** TEIAS: Rio de Janeiro, ano 5, nº 9-10, jan/dez 2004

-----, **Setenta e Duas Acepções para Diabo em Grande sertão: veredas.** São Paulo, Jornal F. de São Paulo, Década de 1970.

Textos

-----, **Literatura, Estudos Culturais, cultura(s) e mídias.** PUC. Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Bruno. **Partido-alto: samba de bambas, de Nei Lopes.** Para o Caderno C, Campinas, dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.consciencia.net/2005/1221-neilopes.html>. Acesso em 02 de dezembro de 2010.

Internet

ALBIN, Ricardo Cravo. <http://www.dicionariompb.com.br/wilson-batista/dados-artisticos>. Acesso em 08 de janeiro de 2011.

Clique Music. **Wilson Batista**. <http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/wilson-batista>. Acesso em 08 de janeiro de 2011.

Em Nome do Samba. **Capoeira-Pernada-Tiririca**. <http://emnomedosamba.blogspot.com/2009/03/capoeireiro-capoeira-pernada-tiririca.html>. Acesso em 08 de janeiro de 2011.

Gota D' Água. **Francisco Buarque de Hollanda**. <http://gotadaguablourdes.blogspot.com/>. Acesso em 08 de janeiro de 2011.

Guia do Estudante. **João Guimarães Rosa**. http://guiadoestudante.abril.com.br/estude/literatura/materia_419340.shtml. Acesso em 08 de janeiro de 2011.

Letras. **Estação Primeira de Mangueira**. <http://www.lettras.com.br/biografia/estacao-primeira-de-mangueira>. Acesso em 08 de janeiro de 2011.

Wikipédia. **Marcelo D2**. http://pt.wikipedia.org/wiki/Marcelo_D2. Acesso em 08 de janeiro de 2011.

Discos e Revistas

ALMEIDA, Aracy de. **Canções de Noel Rosa**. Faixa s.d. Continental. 1955.

CALDAS, Silvio. **Título s.d.** 78 rpm (rotações por minuto). RCA Vitor. 1933.

-----, **Coleção História do samba**, volumes I ao X. Organização Elifas Andreato. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1997.

HOLLANDA. Francisco Buarque de. **Ópera do Malandro**. V. 1 e 2, Polygram. 1979

MART'NÁLIA. **Pé do Meu Samba**. Faixa 1, Natasha Records. 2002.

ROSA, Noel. **Título s.d.** 78 rpm (rotações por minuto). Parlophon, 13245, novembro de 1930 (reeditado como LP em 1978 pela Odeon).

SILVA, Orlando. **Revivendo**. Faixa 1. RVCD 139. 1999.

SILVA, Bezerra da. **A Gíria é Cultura do Povo**. Faixa 1. Atração. 2002.

VERMELHO, Barão. **Malandragem dá um Tempo**. CD MTV AO VIVO – Vol. 2. 2005.

Espetáculo Musical

Na Casa da Tia Ciata. SESC Consolação. São Paulo: 2006.

Palestra

FARO, Fernando. **Encontros com Profissionais de Audiovisual (?)**. Auditório da TV Cultura. Década de 1990.

Instituições e Acervos

Acervo de Mário de Andrade do Arquivo de Multimeios do Centro Cultural São Paulo. São Paulo, 2009

Biblioteca e Discoteca da TV Cultura de São Paulo. São Paulo Anos de 2005, 2006 e 2007.

Centro de Memória Audiovisual da Fundação Padre Anchieta. São Paulo. Anos de 2005, 2006 e 2007.